

Uma Pluma no Natal
e outros contos

PEDRO FORTE



Tecto de Nuvens

Apresentação

Ler um livro de contos transporta-nos para mundos onde reina a magia. Acompanhamos personagens fantásticas e nós passamos a querer ser como elas, ou a querer viver com elas!

Neste reino fantástico que agora entramos vamos ficar felizes se o pequeno Gil se conseguir salvar quando a dado momento ele *“sentiu-se observado! Não via ninguém mas presentia que alguém o seguia...*

Assustado, começou a correr e nesse preciso momento percebeu que afinal não estava sozinho na floresta! Uma matilha de lobos gigantes corria na sua direção!

Gil correu, correu, até que as suas forças começaram a faltar...”

Por outro lado, vamos querer ser amigos do Sr. Bonifácio porque *“alegre, atraía sempre muitas pessoas que logo o rodeavam para se contagiar da sua boa disposição”*.

No mundo da fantasia acontecerão momentos para nos questionarmos o porquê do Tozé não ter as mesmas ambições na vida como o Bernardo e os motivos para que ele a *“escrever” “ainda tinha muito que melhorar”* e por *“causa disso o professor mandava-o fazer em casa composições a dobrar, mas o Tozé nem uma por dia como deve ser fazia!”*.

O Bernardo era muito bom aluno, mas andava triste porque *“não havia um cão para brincar!”*.

Quem há muito deixou de jogar futebol pode reavivar a esperança de voltar a rematar à baliza tal como o avô Vicente que gostava *“de se imaginar futebolista, sonho*

que aspirou em criança, agora na sua idade, dar toques numa bola, juntamente com um bando de miúdos, não lhe parecia assim muito bem ainda que lá no íntimo, ele quisesse muito divertir-se com Rui, o seu neto mais irrequieto! Assim as pernas aguentassem!”.

Todos nós, a cada dia que avança vamos ficando mais velhos, mas a Dona Elvira dá-nos uma lição de vida quando diz que nunca é fora de tempo para querermos estar bonitos e recebermos afetos porque o *“tempo passa, mas nós continuamos como sempre, sensíveis aos afetos, sensíveis aos sentimentos, independentemente da idade, não interessa o nosso aspeto. Continuamos a querer ter alguém que goste de nós. Isso nunca muda!”*

Ler um conto também é viver alegrias, ou partilhar as aflições do nosso herói ou da nossa heroína.

Quando à Leonor, menina que tinha tudo para ser feliz, algo de inesperado lhe acontece, ficamos de respiração contida para saber como será o desfecho daquela noite dramática em que *“sem perceber o que estava a acontecer, sentiu-se arrancada da cama, o pânico cortou-lhe a voz... Minutos depois, a galope num cavalo!*

Vento frio na cara, o caminho levemente iluminado pelo luar, cinta fortemente apertada por um braço que assegurava que Leonor não caía do cavalo, e a princesa ia sendo levada para um destino que desconhecia!...”.

E não por acaso, a capa remete-nos para um local e tempo mágicos onde todas estas personagens poderiam viver e onde todos nós, nem que fosse só para passar férias, gostaríamos de ir.

Muito boas leituras para os miúdos e graúdos que vão explorar este livro!

O autor

I

Leonor, uma princesa, vivia num reino encantado e era profundamente bela, mas simultaneamente triste. Tão triste quanto triste se pode ser...

Leonor contava os dias que passavam sempre na companhia da sua velha tristeza. O que ela não imaginava é que o destino lhe faria uma grande surpresa e que a sua vida, um dia, se iria alterar profundamente!...

O reino onde os pais de Leonor, D. Aurélio e D. Eduarda, governavam ativamente, parecia uma tela viva de cores com umas quantas pinceladas de magia.

As casas do povo, pequeninas, de pedras amareladas e madeiras envelhecidas, contrastavam com o enorme palácio onde se destacavam as paredes em carmim onde vivia Leonor.

Os meninos da idade da princesa corriam alegres e descalços pelas ruas do reino. Pareciam plumas acariciadas pelo vento a gritar alegremente pelas vielas. Leonor observava-os da enorme janela do seu quarto.

Enquanto o povo das aldeias se agitava na azáfama do dia-a-dia, Leonor passava o tempo percorrendo pesarosamente os longos corredores do sumptuoso palácio onde vivia, acompanhada da ama, cuja incumbência era garantir que à princesa nada

I

Rui, miúdo sardento e de rebeldes e ruivos caracóis, o mais novo de sete netos, disputava a bola com o esforçado avô Vicente naquele improvisado campo de futebol.

Quatro pedras, todas diferentes, assinalavam algo que lembrasse a posição de duas balizas, naquele poeirento largo da estação do quase esquecido caminho de ferro...

O céu, muito azul, com leves desenhos formados por nuvens envergonhadas, acompanhava um sol que complicava a vida aos jogadores, acrescentando um intenso calor naquele duelo futebolístico.

Entretanto, o futebolista mais novo desconcentrou-se com o sonoro respirar cansado da velha locomotiva a vapor que, ao longe, se ia aproximando da antiga estação da aldeia, ponto de embarque e desembarque, de alguns regressos e muitas despedidas.

Distração fatal! O mais velho dos dois jogadores em campo finta o adversário, olha de relance a baliza do rival e zássss...um remate acompanhado do obrigatório “aiii” a assinalar a dor ciática da perna que rematou!

- Golo! – gritou, com alguma contenção o avô Vicente. Estava contente por levar de vencida o neto, mas

I

Gil era um menino simpático e pequenino, com o olhar mais meigo de todos os meninos que frequentavam a velha escola da aldeia.

Infelizmente, tal como Gil, havia outros meninos que partilhavam a sua infelicidade. Não podiam viver com os seus pais.

No entanto, na aldeia de Gil, nenhum menino, que por qualquer ironia do destino, não pudesse viver com seus pais, ficava abandonado, pois Lucilady, uma mulher que por vezes parecia muito bela, outras assustava um bocadinho, recolhia no seu enorme casarão todos as crianças que estivessem sozinhas e dava-lhes de comer e uma cama pequenina para dormir.

Acontece, que Lucilady fazia magias, algumas faziam rir, outras eram temerosas...

Assim que o sol aparecia, bem cedo, o galo encarregava-se de acordar os meninos que viviam no casarão de Lucilady. De seguida, Gil e os outros meninos, as suas sacolas de pano com um lápis, uma sebenta e um pão um bocadinho seco, que serviria de lanche, percorriam um longo caminho através de uma floresta, preenchida de ruídos e sombras, até chegar à escola da aldeia.

I

O Leão estava a dormir no chão e o Tozé a andar pé ante pé...

A seguir o Tozé a correr desatou e o Leão logo acordou!

O rapaz ia-se deixar apanhar pois o Leão ia a galopar!

Aflicção?

Não!...

O melhor amigo do Tozé era o Leão!

Pois o Leão era um grande cão e muito brincalhão!

O seu nome não foi por acaso que aconteceu.

Foi o Tozé que o escolheu.

Os dois estavam sempre a brincar.

Sempre? Não!

O Leão guardava dos lobos as ovelhas quando elas estavam a pastar!

E o Tozé também tinha que estudar!

De manhã o Tozé acordava muito cedo com o cantar do galo.

Corria pelos campos quando ia para a escola e a meio estava o Simão a esperá-lo.

Ir em companhia sempre era melhor porque o sol

Índice

Apresentação	7
Uma Pluma no Natal	11
O Fabuloso Segredo do Sr. Bonifácio	35
Gil e a Águia	61
O Tozé e o Bernardo	73
Nota biográfica	83
Índice	85